

A arqueologia da paisagem como instrumento de conhecimento do território

Rosa Branca Dias da Silva Marcolin

A comunicação que nos propomos apresentar versa sobre o tema da Arqueologia da Paisagem, enquanto instrumento gerador do conhecimento subjacente às intervenções qualificadoras do território. A nossa abordagem incide, não tanto sobre as questões específicas da Arqueologia, mas sobre a forma como o âmbito disciplinar se presta a diferentes tipos de articulação com as disciplinas propositivas, nomeadamente com o projecto e o planeamento territorial.

O contributo que se pretende dar enquadrar-se-ia na área temática definida como *Paisagem – a prospetividade do Projetista*. É nossa convicção que, em se tratando de paisagem, intervenções de qualidade e eficácia resultam, necessariamente, de uma compreensão abrangente e integrada das realidades existentes, concebidas como o resultado de uma sucessão de estratos de intervenção humana, condicionada pelas características do meio físico, e assumida, por sua vez, como condicionante da transformação desse mesmo meio.

A Arqueologia da Paisagem constitui uma temática de definição muito recente. A sua gestação, morosa e complexa, integra os contributos das várias tendências intervenientes no debate disciplinar dos últimos cem anos, sendo que nesses contributos se vêem reflectidas sucessivas aproximações a âmbitos científicos distintos, das ciências da terra, às ciências sociais. Tal percurso permite uma tomada de consciência relativamente à estrita interdependência dos processos naturais e antrópicos, envolvidos na formação da Paisagem, assumindo-se hoje, que a inter-relação do homem com o meio constitui o denominador comum de uma investigação multifacetada e assente na integração disciplinar.

Privilegiando, ora a abordagem morfológica, centrada na interpretação das formas resultantes da estratificação da intervenção humana, ora a abordagem analítica, assente na leitura das componentes abiótica, biótica e antrópica da Paisagem, ora a abordagem dinâmica, focada nos processos e ritmos de transformação dos contextos ambientais, a Arqueologia da Paisagem afirma-se como âmbito disciplinar complexo e globalizante, que permite enquadrar uma miríade de projectos de investigação, cujos contornos se pautam pelas problemáticas emergentes no seio das sociedades actuais. Entre estas, destacam-se as questões ligadas à gestão do espaço, à exploração sustentável dos recursos, à fruição e preservação do património natural e cultural, questões essas, cujo tratamento reverte para a qualificação do território, mediante a previsão de fases de intervenção de carácter *prospectivo*.

Face ao propósito enunciado, o caso do parque arqueológico mineiro de San Silvestro, em Campiglia Marittima, afigura-se-nos como paradigmático.

Inicialmente focado na escavação de um povoado medieval ligado à mineração e ao trabalho metalúrgico, o estudo arqueológico alargou-se no espaço e no tempo, vindo a incidir sobre a evolução da paisagem envolvente, reflexo das relações estabelecidas entre as sucessivas

comunidades e o respectivo meio físico. A natureza do objecto paisagístico, obrigou a que o estudo se pautasse por novos requisitos metodológicos, impondo-se a adopção de procedimentos distintos. Obrigou ainda, a que se reconsiderassem as modalidades de salvaguarda dos valores patrimoniais, sendo que tais valores, já não se limitavam à produção material do homem, mas abrangiam todo um conjunto de indícios, tidos como testemunho dos processos e das dinâmicas de transformação do meio físico.